

VLADIMIR ILITCH

LENINE



**O Imperialismo e a
Cisão do Socialismo
(1916)**

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

O Imperialismo e a Crise do Socialismo

Vladimir Ilitch Lênine
1916

Escrito em Outubro de 1916
Publicado em Dezembro de 1916
no *Sbórnik Sotsial-Demokrata* nº2

Presente tradução na versão das *Obras Escolhidas* de V. I. Lênine
Edição em Português da Editorial Avante, 1984, t.3, pp 57-70
Traduzido das *Obras Completas* de V. I. Lênine
5ª Ed. russo t. 30 pp 163-179

Existe uma ligação entre o imperialismo e a vitória monstruosa e abominável que o oportunismo (na forma de social-chauvinismo) alcançou sobre o movimento operário na Europa?

É esta a questão fundamental do socialismo contemporâneo. E depois de termos estabelecido completamente na nossa literatura partidária o carácter imperialista da nossa época e desta guerra em primeiro lugar, e em segundo lugar a ligação histórica indissolúvel do social-chauvinismo com o oportunismo, e igualmente o seu conteúdo ideológico-político idêntico, pode-se e deve-se passar à elaboração desta questão fundamental.

É preciso começar por uma definição o mais precisa e completa possível do imperialismo. O imperialismo é um estágio histórico particular do capitalismo. Esta particularidade é tripla: o imperialismo é (1) - capitalismo monopolista; (2) - capitalismo parasitário ou em decomposição; (3) - capitalismo moribundo. A substituição da livre concorrência pelo monopólio é o traço económico fundamental, a **essência** do imperialismo. O monopolismo manifesta-se em 5 tipos principais: 1) os cartéis, consórcios e *trusts*; a concentração da produção alcançou o nível que gerou estas associações monopolistas de capitalistas; 2) a situação monopolista dos grandes bancos: 3-5 bancos gigantescos comandam toda a vida económica da América, da França, da Alemanha; 3) a apropriação das fontes de **matérias-primas** pelos *trusts* e pela oligarquia financeira (o capital financeiro é o capital industrial monopolista que se fundiu com o capital bancário); 4) a partilha (económica) do mundo pelos cartéis internacionais **começou**. Contam-se já para cima de **cem** desses cartéis internacionais, que dominam **todo** o mercado mundial e o dividem «amistosamente» - enquanto a guerra não o **redividir**. A exportação do capital, como fenómeno particularmente característico, diferentemente da exportação de mercadorias no capitalismo pré-monopolista, está em estreita ligação com a partilha económica e político-geográfica do mundo; 5) a partilha territorial do mundo (colónias) **terminou**.

O imperialismo, como estágio superior do capitalismo da América e da Europa, e depois também da Ásia, formou-se completamente em 1898-1914. As guerras hispano-americana (1898)¹, anglo-bóer (1899-1902)² e russo-japonesa (1904-1905)³ e a crise económica na Europa em 1900 - tais são os principais marcos históricos da nova época da história mundial.

Que o imperialismo é capitalismo parasitário ou em decomposição, isso manifesta-se, em primeiro lugar, na tendência para a decomposição que distingue **todo** o monopólio sob a propriedade privada dos meios de produção. A diferença entre a burguesia imperialista republicano-democrática e monárquico-reaccionária apaga-se precisamente porque uma e outra apodrecem vivas (o que de modo nenhum elimina o desenvolvimento espantosamente rápido do capitalismo em alguns ramos da indústria, em alguns países, em alguns períodos). Em segundo lugar, a decomposição do capitalismo manifesta-se na criação de uma enorme camada de *rentiers*, de capitalistas que vivem de «cortar cupões». Nos quatro países capitalistas avançados, a Inglaterra, a América do Norte, a França e a Alemanha, o capital em títulos ascende em cada um a 100-150 **milhares de milhões** de francos, o que significa um rendimento anual de pelo menos 5-8 milhares de milhões por país. Em terceiro lugar, a exportação do capital é o parasitismo ao quadrado. Em quarto lugar, «o capital financeiro aspira à dominação e não à liberdade». A reacção política em **toda** a linha é uma

1 **Guerra hispano-americana de 1898:** primeira guerra imperialista da história; segundo a definição de Lênine, um dos principais marcos que assinalam o início da época do imperialismo. A guerra começou num momento de insurreições dos povos cubano (a partir de 1895) e filipino (a partir de 1896) contra o jugo colonial espanhol. Intervindo pretensamente em apoio da luta desses povos, os EUA utilizaram-na para os seus fins e apoderaram-se de Porto Rico, da ilha de Guam e das Filipinas e ocuparam Cuba, formalmente declarada independente.

2 **Guerra anglo-bóer de 1899-1902:** guerra de conquista da Grã-Bretanha contra as repúblicas bóeres da África do Sul, o Estado Livre de Orange e o Transval; uma das primeiras guerras da época do imperialismo. Em resultado da guerra ambas as repúblicas foram transformadas em colónias inglesas; a população indígena africana ficou sob um duplo jugo dos bóeres e dos colonizadores ingleses.

3 Trata-se da guerra de 1904-1905 entre a Rússia e o Japão. Terminada por um tratado de paz, a guerra agudizou ainda mais todas as contradições na Rússia e apressou o desenvolvimento dos acontecimentos revolucionários de 1905.

característica do imperialismo. Venalidade, suborno em proporções gigantescas, um panamá de todos os tipos⁴. Em quinto lugar, a exploração das nações oprimidas, indissolúvelmente ligada às anexações e particularmente a exploração das colónias por um punhado de «grandes» potências, transforma cada vez mais o mundo «civilizado» num parasita no corpo de centenas de milhões de pessoas dos povos não civilizados. O proletariado romano vivia à custa da sociedade. A sociedade actual vive à custa do proletariado moderno. Marx sublinhou particularmente esta profunda observação de Sismondi⁵. O imperialismo modifica um pouco a situação. Uma camada privilegiada do proletariado das potências imperialistas vive parcialmente à custa de centenas de milhões de pessoas dos povos não civilizados.

É compreensível por que é que o imperialismo é capitalismo **moribundo**, em **transição** para o socialismo: o monopólio, que cresce **do** capitalismo, é já a agonia do capitalismo, o começo da sua passagem para o socialismo. A gigantesca **socialização** do trabalho pelo imperialismo (aquilo a que os apologistas, os economistas burgueses, chamam «entrelaçamento») significa a mesma coisa.

Ao apresentar esta definição do imperialismo entramos em completa contradição com K. Kautsky, que se nega a ver no imperialismo uma «fase do capitalismo» e define o imperialismo como uma **política** «preferida» pelo capital financeiro, como tendência dos países «industriais» para anexarem os países «agrários»⁶. Esta definição de Kautsky é inteiramente falsa do ponto de vista teórico. A particularidade do imperialismo é a dominação precisamente não do capital industrial mas financeiro, a tendência para a anexação precisamente **não** apenas dos países agrários mas de **toda a espécie** de países. Kautsky **desliga** a política do imperialismo da sua economia, desliga o monopolismo em política do monopolismo na economia, para limpar o caminho ao seu vulgar reformismo burguês como o «desarmamento», o «ultra-imperialismo» e outros disparates semelhantes. O sentido e o objectivo desta falsidade teórica reduzem-se inteiramente a dissimular as contradições **mais profundas** do imperialismo e a justificar deste modo a teoria da «unidade» com os apologistas do imperialismo, com os sociais-chauvinistas e os oportunistas abertos.

Já nos detivemos suficientemente neste rompimento de Kautsky com o marxismo tanto no *Sotsial-Demokrat* como na *Kommunist*⁷. Os nossos kautskistas russos, os «okistas»⁸ com Axelrod e Spektator à frente, sem excluir Mártoev e, em grau significativo, Trótski, preferiram silenciar a questão do kautskismo como orientação. Eles tiveram medo de defender aquilo que Kautsky escreveu durante a guerra, limitando-se ou simplesmente a louvar Kautsky (Axelrod na sua brochura alemã, que o CO **prometeu** publicar em russo) ou a referir cartas particulares de Kautsky (Spektator) onde ele afirma que pertence à oposição e procura jesuiticamente anular as suas declarações chauvinistas.

Notemos que na sua «concepção» do imperialismo - que equivale a embelezá-lo - Kautsky anda para trás não só em comparação com *O Capital Financeiro de Hilferding* (por mais que o próprio Hilferding hoje defenda Kautsky e a «unidade» com os sociais-chauvinistas!) mas também em

4 **Panamá de todos os tipos** (Panamá francês): expressão surgida devido ao desmascaramento em França, em 1892-1893, dos enormes abusos e da corrupção de estadistas e políticos, de funcionários e jornais, subornados pela companhia francesa construtora do canal do Panamá.

5 K. Marx, «Prefácio» à segunda edição de *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*, in K. Marx/F. Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Edições «Avante!» - Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1982, t. I, p. 415.

6 O imperialismo é um produto do capitalismo industrial altamente desenvolvido. Ele consiste na tendência de toda a nação capitalista industrial para submeter e unir a si cada vez mais regiões **agrárias**, sem atender a qual a nação por que elas são povoadas» (Kautsky na *NeueZeit* de 11-IX-1914). (Nota do Autor)

7 **Kommunist (O Comunista)**, revista organizada por Lênine; foi publicada em 1915, em Genebra, pela redacção do jornal *Sotsial-Demokrat*. Publicou-se um número (duplo).

8 **Partidários do OK**, iniciais russas do Comité de Organização menchevique, criado em 1912 na conferência de Agosto de todos os grupos e correntes antipartido. Durante a guerra mundial justificou a guerra por parte do tsarismo e advogou as ideias do nacionalismo e do chauvinismo.

comparação com o **social-liberal** J. A. Hobson. Este economista inglês, que não tem nem sombras de pretensão ao título de marxista, define o imperialismo e revela as suas contradições de modo muito mais profundo na sua obra de 1902⁹. Eis o que escreveu este escritor (no qual se pode encontrar quase todas as vulgaridades pacifistas e «conciliadoras» de Kautsky) sobre a questão particularmente importante do parasitismo do imperialismo:

Circunstâncias de dois tipos enfraqueceram, na opinião de Hobson, a força dos velhos impérios: 1) «o parasitismo económico» e 2) a formação de exércitos com homens dos povos dependentes. «A primeira circunstância é o hábito do parasitismo económico, devido ao qual o Estado dominante utiliza as suas províncias, colónias e países dependentes para enriquecer a sua classe dirigente e para subornar as suas classes inferiores, para que elas se mantenham tranquilas.» Relativamente à segunda circunstância escreve Hobson:

«Um dos sintomas mais estranhos da cegueira do imperialismo» (na boca do social-liberal Hobson estas cantigas da «cegueira» dos imperialistas estão mais apropriadas do que no «marxista» Kautsky) «é a despreocupação com que a Grã-Bretanha, a França e outras nações imperialistas tomam este caminho. A Grã-Bretanha é a que mais longe foi. A maior parte dos combates com que conquistámos o nosso império indiano foram travados pelas nossas tropas constituídas por indígenas; na Índia, como nos últimos tempos no Egipto, grandes exércitos permanentes encontram-se sob o comando de britânicos; quase todas as guerras ligadas à conquista da África por nós, com excepção da sua parte meridional, foram travadas para nós pelos indígenas.»

A perspectiva da partilha da China suscitou esta apreciação económica de Hobson: *«A maior parte da Europa Ocidental poderia então assumir o aspecto e o carácter que agora têm partes destes países, o Sul da Inglaterra, a Riviera, os lugares mais visitados pelos turistas e povoados por ricos da Itália e da Suíça, a saber: pequenos punhados de ricos aristocratas, que recebem dividendos e pensões do Extremo Oriente, com um grupo um pouco maior de empregados profissionais e de comerciantes e com um número maior de servidores domésticos e de operários na indústria de transportes e na indústria de acabamento de produtos manufacturados. Os ramos principais da indústria desapareceriam e os produtos alimentares e produtos semimanufacturados correntes fluiriam como um tributo da Ásia e da África.»* «Eis as possibilidades que abre perante nós uma aliança mais ampla dos Estados ocidentais, uma federação europeia de grandes potências: ela não só não faria avançar a causa da civilização mundial como poderia significar o gigantesco perigo de um parasitismo ocidental: formar um grupo de nações industriais avançadas cujas classes superiores recebem um enorme tributo da Ásia e da África, com o qual sustentam grandes massas domadas de empregados e criados, ocupados já não na produção de artigos agrícolas e industriais de grande consumo mas no serviço pessoal ou no trabalho industrial secundário sob o controlo de uma nova aristocracia financeira. Que aqueles que estão prontos a não dar atenção a esta teoria» (deveria dizer-se: perspectiva) «como não merecedora de atenção, pensem nas condições económicas e sociais das regiões actuais do Sul da Inglaterra que já foram conduzidas a esta situação. Que pensem que enorme ampliação desse sistema se tornaria possível se a China fosse submetida ao controlo económico de semelhantes grupos de financeiros, "investidores" (rentiers), dos seus servidores políticos e comerciais-industriais, extraindo lucros do maior reservatório potencial que o mundo já conheceu, com o objectivo de consumir estes lucros na Europa. Evidentemente, a situação é demasiado complexa, o jogo das forças mundiais é demasiado difícil de calcular para tornar muito provável esta ou qualquer outra interpretação do futuro numa só direcção. Mas as influências que governam o imperialismo da Europa Ocidental hoje em dia avançam nesta direcção e, se não encontrarem resistência, se não forem desviadas para outro lado, avançarão precisamente na direcção desta culminação do processo.»

9 J. A. Hobson, *Imperialism*, London, 1902.

O social-liberal Hobson não vê que **só** o proletariado revolucionário pode opor essa «resistência» e só sob a forma da revolução social. Por alguma coisa ele é social-liberal! Mas já em 1902 abordou magnificamente a questão tanto do significado dos «Estados Unidos da Europa» (para que saiba o kautskiano Trótski!) como de tudo aquilo que os **kautskianos hipócritas** tentam dissimular a saber: que os **oportunistas** (sociais-chauvinistas) trabalham juntamente com a burguesia imperialista **precisamente** na direcção da criação de uma Europa imperialista aos ombros da Ásia e da África, que os **oportunistas** representam objectivamente uma parte da pequena burguesia e de algumas camadas da classe operária, parte **subornada** à custa dos superlucros imperialistas e transformada em **cães de guarda** do capitalismo, em **corruptores** do movimento operário.

Apontámos repetidamente, não só em artigos mas também em resoluções do nosso partido, esta ligação económica, a mais profunda, da burguesia imperialista com o oportunismo que agora (por muito tempo?) venceu o movimento operário. Daí deduzimos, entre outras coisas, a inevitabilidade da cisão com o social-chauvinismo.

Os nossos kautskianos preferiram eludir a questão! Márto, por exemplo, já nas suas conferências utilizou o sofisma que no *Izvéstia Zagraníchnogo Sekretariata OK*¹⁰ (nº 4 de 10 de Abril de 1916) é expresso do seguinte modo:

- - «... *A causa da social-democracia revolucionária estaria muito mal, mesmo desesperadamente, se os grupos de operários que pelo seu desenvolvimento intelectual se aproximam mais da "intelectualidade" e são mais qualificados se afastassem fatalmente dela para o oportunismo...*»

Por meio da tola palavra «fatalmente» e de alguma «batota» **elude-se o facto** de que **certas** camadas de operários se **afastaram** para o oportunismo e para a burguesia imperialista! E os sofistas do CO tudo o que precisavam era de **eludir** este facto! Eles escapam-se com o «optimismo oficial» que agora ostenta tanto o kautskiano Hilferding como muitos outros: as condições objectivas, dizem eles, garantem a unidade do proletariado e a vitória da corrente revolucionária! nós, dizem eles, somos «optimistas» em relação ao proletariado!

Mas o que de facto eles são, todos estes kautskianos, Hilferding, os okistas, Márto e C^a, é **optimistas...** em relação ao **oportunismo**. Nisto é que está o fundo da questão!

O proletariado é uma criação do capitalismo - mundial, e não só europeu e não só imperialista. À escala mundial, 50 anos mais cedo ou 50 anos mais tarde - do ponto de vista **dessa** escala a questão é de pormenor -, o «proletariado», naturalmente, «será» uno e nele vencerá «inevitavelmente» a social-democracia revolucionária. Não é nisso que consiste a questão, senhores kautskianos, mas em que **vós** actualmente, nos países imperialistas da Europa, **rastejais** perante os oportunistas, que são **estranhos** ao proletariado, como classe, que são servidores, agentes, portadores da influência da burguesia, e o movimento operário, **sem se libertar** deles, permanece um **movimento operário burguês**. A vossa pregação da «unidade» com os oportunistas, com os Legien e os David, os Plekhánov ou os Tchkhenskeli e os Potréssov, etc., é, objectivamente, uma defesa da escravização dos operários pela burguesia imperialista através dos seus melhores agentes no movimento operário. A vitória da social-democracia revolucionária à escala mundial é absolutamente inevitável, mas ela avança e avançará, ocorre e ocorrerá, apenas **contra** vós, será uma vitória **sobre** vós.

As duas tendências, mesmo **dois** partidos, no movimento operário contemporâneo, que tão claramente se cindiram em todo o mundo em 1914-1916, foram **seguidas por Engels e Marx em Inglaterra** ao longo de uma série de **décadas**, aproximadamente de 1858 a 1892.

¹⁰ *Izvestia Zagraníchnogo Sekretariata Organizaiónnogo Komiteta RSDRP (Notícias do Secretariado no Estrangeiro do Comité de Organização do POSDR)*: jornal menchevique que se publicou de Fevereiro de 1915 a Março de 1917 em Genebra. O jornal tinha uma posição centrista.

Nem Marx nem Engels viveram até à época imperialista do capitalismo mundial, que não começa antes de 1898-1900. Mas já desde meados do século XIX uma particularidade da Inglaterra era que nela existiam pelo menos **dois** importantíssimos traços distintivos do imperialismo: (1) colónias imensas e (2) lucros monopolistas (devido à situação monopolista no mercado mundial). Em ambos os aspectos a Inglaterra era então uma exceção entre os países capitalistas, e Engels e Marx, ao analisarem esta exceção, apontaram de modo perfeitamente claro e definido a sua **ligação** com a vitória (temporária) do oportunismo no movimento operário inglês.

Na carta a Marx de 7 de Outubro de 1858, escreveu Engels: «O proletariado inglês está de facto a aburguesar-se cada vez mais, de modo que esta nação, a mais burguesa de todas as nações, quer aparentemente levar as coisas, no fim de contas, até ao ponto de ter uma aristocracia burguesa e um proletariado burguês **ao lado** da burguesia. Evidentemente, da parte desta nação, que explora todo o mundo, em certa medida isto é justificável.» Na carta a Sorge de 21 de Setembro de 1872 Engels informa que Hales armou um grande escândalo no conselho federal da Internacional e conseguiu um voto de censura a Marx pelas palavras deste «os dirigentes-operários ingleses venderam-se». Marx escreve a Sorge em 4 de Agosto de 1874: «No que diz respeito aos operários urbanos aqui (na Inglaterra), é de lamentar que todo o bando dos chefes não tenha entrado para o Parlamento. Seria o caminho mais seguro para nos vermos livres dessa canalha.» Engels fala na carta a Marx de 11 de Agosto de 1881 dos «piores trade-unionistas ingleses, que se deixam dirigir por homens comprados pela burguesia ou pelo menos pagos por ela». Na carta a Kautsky de 12 de Setembro de 1882 escreveu Engels: «Pergunta-me que pensam os operários ingleses da política colonial. O mesmo que pensam sobre a política em geral. Aqui não há partido operário, há apenas conservadores e liberais radicais, e os operários aproveitam tranquilamente juntamente com eles o monopólio colonial da Inglaterra e o seu monopólio do mercado mundial.»

Em 7 de Dezembro de 1889 Engels escreve a Sorge: «... O mais repugnante aqui (na Inglaterra) é a "respeitabilidade" (*respectability*) burguesa que penetrou até aos ossos dos operários... mesmo Tom Mann, que eu considero o melhor de todos, diz de bom grado que vai almoçar com o Lord-Mayor. Quando se compara com isto os franceses vê-se o que quer dizer revolução.» Na carta de 19 de Abril de 1890: «o movimento (da classe operária em Inglaterra) avança **sob** a superfície, abarca camadas cada vez mais amplas e além disso a maior parte entre a massa **inferior** (sublinhado de Engels) até aqui imóvel, e já não está longe o dia em que esta massa **se encontrará a si própria**, em que para ela se tornará claro que é ela precisamente essa massa colossal em movimento». Em 4 de Março de 1891: «o malogro do sindicato dos estivadores em decomposição, as "velhas" *trade unions* conservadoras, ricas e precisamente por isso cobardes, estão sozinhas no campo de batalha...». Em 14 de Setembro de 1891: no congresso de Newcastle das *trade unions* foram vencidos os velhos trade-unionistas, adversários da jornada de 8 horas, «e os jornais burgueses reconhecem a derrota do **partido operário burguês**» (sempre sublinhado de Engels)...

Que estas ideias de Engels, repetidas ao longo de décadas, tenham por ele sido expressas publicamente, na imprensa, é o que prova o seu prefácio à segunda edição de *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*, de 1892. Aqui fala-se de uma «aristocracia na classe operária», de uma «minoria privilegiada de operários» em oposição à «vasta massa dos operários». «Uma pequena, privilegiada e protegida minoria» da classe operária foi a única que retirou «vantagens prolongadas» da situação privilegiada da Inglaterra em 1848-1868, «a vasta massa no melhor dos casos gozou apenas de uma melhoria de curta duração»... «Com a falência do monopólio industrial da Inglaterra a classe operária inglesa perderá a sua situação privilegiada»... Os membros das «novas» *unions*, os sindicatos de operários não qualificados, «têm apenas uma vantagem imensa: o seu cérebro é ainda terreno virgem, completamente livre dos "respeitáveis" preconceitos burgueses herdados, que transtornam as cabeças dos "velhos unionistas" mais bem colocados»... «Os chamados representantes operários» é como se chama em Inglaterra a pessoas «a quem se perdoa o pertencerem à classe operária porque elas próprias estão prontas a afogar esta sua qualidade no oceano do seu liberalismo...»

Apresentámos deliberadamente citações bastante pormenorizadas de declarações directas de Marx e Engels para que os leitores possam estudá-las **no seu conjunto**. E é necessário estudá-las, vale a pena meditar atentamente nelas. Porque aqui está o **fulcro** da tática no movimento operário que é ditada pelas condições objectivas da época imperialista.

Também aqui Kautsky tentou já «turvar a água» e substituir o marxismo por uma adocicada conciliação com os oportunistas. Em polémica com os sociais-imperialistas abertos e ingénuos (como Lensch), que justificam a guerra por parte da Alemanha como uma destruição do monopólio da Inglaterra, Kautsky «**corrige**» esta falsidade evidente por meio de outra falsidade igualmente evidente. Ele substitui uma falsidade cínica por uma falsidade adocicada! O monopólio **industrial** da Inglaterra foi quebrado há muito tempo, diz ele, destruído há muito tempo, não há razão e não se pode destruí-lo.

Em que consiste a falsidade deste argumento?

Em que, em primeiro lugar, se eludiu o monopólio **colonial** da Inglaterra. E Engels, como vimos, já em 1882, há 34 anos, o apontava de modo perfeitamente claro! Se o monopólio industrial da Inglaterra foi destruído, o monopólio colonial não só se manteve como foi extraordinariamente agudizado, porque toda a terra foi já dividida! Por meio da sua adocicada mentira Kautsky tenta introduzir a ideiazinha burguesa pacifista e oportunista pequeno-burguesa de que «não há por que combater». Pelo contrário, actualmente os **capitalistas** não só têm por que combater como **não podem deixar de** combater se quiserem conservar o capitalismo, porque sem redistribuição violenta das colónias os **novos** países imperialistas não podem adquirir os privilégios de que gozam as potências imperialistas mais velhas (**e menos fortes**).

Em segundo lugar. Por que é que o monopólio da Inglaterra explica a vitória do oportunismo (temporariamente) na Inglaterra? Porque o monopólio proporciona **superlucros**, isto é, um excesso de lucros acima dos lucros capitalistas normais e habituais em todo o mundo. Destes superlucros os capitalistas **podem** atirar um pedaço (e até não pequeno!) para subornar os **seus** operários, criar algo como uma aliança (recorde-se as famosas «alianças» dos trade-unionistas ingleses com os seus patrões descritas pelos Webbs), uma aliança dos operários de um dado país com os seus capitalistas **contra** os restantes países. O monopólio industrial da Inglaterra estava destruído já em fins do século XIX. Isso é indiscutível. Mas como ocorreu essa destruição? De tal modo que **todo** o monopólio desapareceu?

Se assim fosse, a «teoria» conciliadora (com o oportunismo) de Kautsky teria uma certa justificação. Mas a questão está em que **não** é assim. O imperialismo é o capitalismo monopolista. Cada cartel, *trust*, consórcio, cada banco gigantesco é um monopólio. Os superlucros não desapareceram, antes permaneceram. A exploração por um só país privilegiado, financeiramente rico, de **todos** os outros manteve-se e reforçou-se. Um punhado de países ricos - no total quatro, se falarmos da «moderna» riqueza independente e realmente gigantesca: a Inglaterra, a França, os Estados Unidos e a Alemanha -, esse punhado desenvolveu os monopólios em proporções imensas, recebe **super** lucros de centenas de milhões, se não de milhares de milhões, «anda às costas» de centenas e centenas de pessoas da população de outros países, luta entre si pela partilha de um saque particularmente sumptuoso, particularmente gordo e particularmente fácil.

Nisto consiste precisamente a essência económica e política do imperialismo, cujas contradições mais profundas Kautsky dissimula em vez de revelar.

A burguesia de uma «grande» potência imperialista **pode economicamente** subornar as camadas superiores dos «seus» operários, dedicando a isso uma centena ou duas de milhões de francos por ano, porque os seus **super** lucros atingem, provavelmente, cerca de mil milhões. E a questão de

como dividir esta pequena esmola entre os operários ministros, os «operários deputados» (lembre-se a magnífica análise deste conceito por Engels), os operários participantes nos comités militares-industriais, os operários funcionários, os operários organizados em sindicatos estreitamente corporativos, os empregados, etc., etc., isso já é uma questão secundária.

Em 1848-1868 e parcialmente mais tarde só a Inglaterra gozava de um monopólio; **por isso** aí o oportunismo pôde vencer durante décadas; **não havia** outros países nem com riquíssimas colónias nem com um monopólio industrial.

O último terço do século XIX foi a transição para a nova época imperialista. Goza de monopólio o capital financeiro **não** de uma só, mas de algumas, muito pouco numerosas, grandes potências. (No Japão e na Rússia o monopólio da força militar, de um território imenso ou de uma particular facilidade para pilhar os povos estrangeiros, a China, etc., em parte complementa, em parte substitui o monopólio do capital financeiro contemporâneo, moderno.) Desta diferença decorre o facto de o monopólio da Inglaterra **ter podido** ser **incontestado** durante décadas. O monopólio do capital financeiro moderno é furiosamente contestado; começou a época das guerras imperialistas. Então era possível subornar, perverter durante décadas a classe operária de **um só** país. Agora isso é improvável, talvez mesmo impossível, mas em contrapartida **cada** «grande» potência imperialista pode subornar e suborna camadas **mais pequenas** (do que na Inglaterra em 1848-1868) da «aristocracia operária». Então um «**partido operário burguês**», segundo a expressão notavelmente profunda de Engels, só se podia formar num país, porque só um tinha o monopólio, mas em contrapartida por muito tempo. Agora o «**partido operário burguês**» é **inevitável** e típico de **todos** os países imperialistas mas, dada a luta encarniçada pela partilha do saque, é improvável que esse partido possa vencer durante muito tempo numa série de países. Porque os *trusts*, a oligarquia financeira, a carestia da vida, etc., **permitindo** subornar um punhado das camadas superiores, oprimem, subjagam, arruinam, a **massa** do proletariado e do semiproletariado.

Por um lado, a tendência da burguesia e dos oportunistas é para transformar um punhado de nações riquíssimas, privilegiadas, em parasitas «eternos» no corpo do resto da humanidade, «dormir sobre os louros» da exploração dos negros, dos indianos, etc., mantendo-os submetidos por meio do militarismo moderno, provido de uma excelente técnica de extermínio. Por outro lado, a tendência das **massas**, mais fortemente oprimidas do que antes e que suportam todos os tormentos das guerras imperialistas, é para sacudir este jugo, para derrubar a burguesia. E na luta entre estas duas tendências que há-de agora inevitavelmente desenvolver-se a história do movimento operário. Porque a primeira tendência não é acidental, mas economicamente «fundamentada». A burguesia já gerou, alimentou, assegurou para si «partidos operários burgueses» de sociais-chauvinistas em **todos** os países. As diferenças entre um partido já formado, por exemplo o de Bissolati em Itália, um partido inteiramente social-imperialista, e, digamos, o quase-partido semiformado dos Potréssov, dos Gvózdev, dos Bulkine, dos Tchkeídze, dos Skóbelev e C^a, essas diferenças são irrelevantes. O que é importante é que economicamente já amadureceu e se realizou a passagem da camada da aristocracia operária para a burguesia, e este facto económico, esta deslocação nas relações entre as classes, encontrará sem especial «dificuldade» uma ou outra forma política.

Sobre a base económica apontada as instituições políticas do capitalismo moderno - a imprensa, o parlamento, as associações, os congressos, etc. - criaram para os empregados e operários respeitadores, mansos, reformistas e patrióticos os privilégios e esmolos **políticos** correspondentes aos privilégios e esmolos económicos. Lugarzinhos rendosos e tranquilos num ministério ou num comité industrial de guerra¹¹, no parlamento ou em diversas comissões, nas redacções de jornais

11 Os comités industriais de guerra foram criados na Rússia em Maio de 1915 pela grande burguesia imperialista para ajudar o tsarismo a travar a guerra. Tentando submeter os operários à sua influência e infundir-lhes um estado de espírito defensivo, a burguesia decidiu organizar «grupos operários» nos comités e mostrar desse modo que na Rússia tinha sido estabelecida uma «paz de classes» entre a burguesia e o proletariado. Os bolcheviques declararam o boicote aos comités industriais de guerra e levaram-no a cabo com êxito com o apoio da maioria dos operários.

legais «sérios» ou nas direcções de sindicatos operários não menos sérios e «burguesmente obedientes» - é com isto que a burguesia imperialista atrai e recompensa os representantes e partidários dos «partidos operários burgueses».

O mecanismo da democracia política actua na mesma direcção. No nosso século é impossível não haver eleições; não se pode prescindir das massas, e na época da imprensa e do parlamentarismo **não se pode** arrastar as massas sem um sistema amplamente ramificado, sistematicamente aplicado e solidamente equipado de lisonja, de mentira, de vigarice, de prestidigitação com palavrinhas à moda e populares, de promessas à esquerda e à direita de quaisquer reformas e de quaisquer benefícios para os operários - desde que eles renunciem à luta revolucionária pelo derrubamento da burguesia. Eu chamaria a este sistema lloyd-georgismo, do nome de um dos representantes mais avançados e hábeis deste sistema no país clássico do «partido operário burguês», o ministro inglês Lloyd George. Negociante burguês de primeira classe e astuto político, orador popular, capaz de fazer quaisquer discursos, mesmo discursos rrevolucionários perante um auditório operário, capaz de conseguir consideráveis migalhas para os operários respeitadores, sob a forma de reformas sociais (seguros, etc.), Lloyd George serve excelentemente a burguesia¹² e serve-a precisamente **no seio** dos operários, estende a sua influência **precisamente** no proletariado, onde é mais necessário e mais difícil submeter moralmente as massas.

Mas será grande a diferença entre Lloyd George e os Scheidemann, os Legien, os Henderson e os Hyndman, os Plekhánov, os Renaudel e C^a? Destes últimos, objectar-nos-ão, alguns voltarão ao socialismo revolucionário de Marx. É possível, mas é uma diferença insignificante de grau se tomarmos a questão à escala política, isto é, à escala de massas. Alguns dos chefes sociais-chauvinistas actuais podem voltar ao proletariado. Mas a **corrente** social-chauvinista ou (o que é o mesmo) oportunista não pode nem desaparecer nem «voltar» ao proletariado revolucionário. Onde o marxismo é popular entre os operários, esta corrente política, este «partido operário burguês», jura e trejura pelo nome de Marx. Não se lhes pode proibir isto, como não se pode proibir a uma firma comercial o uso de qualquer etiqueta, de qualquer rótulo, de qualquer anúncio. Na história sempre aconteceu que os seus inimigos sempre tentaram apropriar-se dos nomes dos chefes revolucionários populares entre as classes oprimidas depois da sua morte para enganarem as classes oprimidas.

O facto é que os «partidos operários burgueses», como fenómeno político, se formaram já em **todos** os países capitalistas avançados, que sem uma luta decidida e implacável em toda a linha contra estes partidos - ou grupos, correntes, etc., tanto faz - nem sequer se pode falar de luta contra o imperialismo ou de marxismo ou de movimento operário socialista. A fracção de Tchkhéidze¹³, a *Nache Delo*, o *Golos Trudá*¹⁴ na Rússia e os «okistas» no estrangeiro não são mais do que uma variedade de um **desses** partidos. Não temos o menor fundamento para pensar que estes partidos podem desaparecer **antes** da revolução social. Pelo contrário, quanto mais próxima estiver esta revolução, quanto mais poderosamente ela se inflamar, quanto mais bruscas e fortes forem as transições e os saltos no seu processo, tanto maior será o papel que desempenhará no movimento operário a luta da corrente revolucionária de massas contra a corrente oportunista pequeno-burguesa. O kautskismo não constitui nenhuma corrente independente, não tendo raízes nem nas massas nem na camada privilegiada que passou para a burguesia. Mas o perigo do kautskismo

12 Recentemente encontrei numa revista inglesa um artigo de um tory, adversário político de Lloyd George: «Lloyd George do ponto de vista de um tory». A guerra abriu os olhos deste adversário, fazendo-o ver que magnífico servidor da burguesia é este Lloyd George! Os *tories* reconciliaram-se com ele! (Nota do Autor)

13 **Fracção de Tchkhéidze:** fracção menchevique na IV Duma de Estado, encabeçada por N. Tchkhéidze. Durante a guerra imperialista mundial, a fracção ao mesmo tempo que assumia posições centristas, apoiava de facto em tudo a política dos sociais-chauvinistas russos.

14 **Nache Delo (A Nossa Causa):** revista mensal menchevique, publicada em 1915 em Petrogrado em substituição da revista *Nacha Zariá (A Nossa Aurora)*, que tinha sido encerrada. Publicaram-se 6 números.

Golos Trudá (A Voz do Trabalho): jornal menchevique legal, publicado em 1916 em Samara (hoje Kúibichev). Publicaram-se ao todo 3 números.

reside em que ele, utilizando a ideologia do passado, se esforça por conciliar o proletariado com o «partido operário burguês», por defender a sua unidade com ele, por elevar desse modo o seu prestígio. As massas já não vão atrás dos sociais-chauvinistas abertos: Lloyd George foi vaiado em assembleias operárias em Inglaterra, Hyndman saiu do partido, os Renaudel e os Scheidemann, os Potréssov e os Gvózdev são defendidos pela polícia. O que é mais perigoso é a defesa encoberta dos sociais-chauvinistas pelos kautskistas.

Um dos sofismas mais difundidos do kautskismo é a referência às «massas». Nós, dizem eles, não queremos cortar-nos das massas e das organizações de massas! Mas medite-se no modo como Engels colocava esta questão. As «organizações de massas» das *trade unions* inglesas estavam no século XIX ao lado do partido operário burguês. Marx e Engels nem por isso se conciliaram com ele, antes o desmascararam. Eles não esqueciam, em primeiro lugar, que as organizações das *trade unions* abarcavam directamente **uma minoria do proletariado**. Tanto na Inglaterra de então como na Alemanha de hoje não é mais do que 1/5 do proletariado que faz parte de organizações. Não se pode pensar seriamente que no capitalismo é possível incluir na organização a maioria dos proletários. Em segundo lugar - e é isto o principal - a questão não está tanto no número de membros de uma organização como no significado real, objectivo, da sua política: esta política representa as massas, serve as massas, isto é, a libertação das massas do capitalismo, ou representa os interesses de uma minoria, a sua conciliação com o capitalismo? Precisamente isto era verdadeiro para a Inglaterra no século XIX e é verdadeiro hoje para a Alemanha, etc.

Engels distingue do «partido operário burguês» das **velhas *trade unions***, da minoria privilegiada, a «massa **inferior**», a maioria real, apela para ela, **não** contaminada pela «respeitabilidade burguesa». Eis em que consiste a essência da tática marxista!

Não podemos - e ninguém pode - calcular qual é precisamente a parte do proletariado que segue e seguirá os sociais-chauvinistas e os oportunistas. Isto só a luta o mostrará, isso só a revolução socialista o resolverá definitivamente. Mas sabemos com certeza que os «defensores da pátria» na guerra imperialista **representam** apenas uma minoria. E por isso o nosso dever, se queremos permanecer socialistas, é ir **mais baixo e mais fundo**, para as verdadeiras massas: nisto consiste toda a importância da luta contra o oportunismo e todo o conteúdo desta luta. Desmascarando que os oportunistas e sociais-chauvinistas traem e vendem de facto os interesses da massa, que eles defendem os privilégios temporários de uma minoria de operários, que eles propagam as ideias e a influência burguesa, que eles são de facto aliados e agentes da burguesia - ensinamos deste modo as massas a identificar os seus reais interesses políticos, a lutar pelo socialismo e pela revolução através de todas as peripécias, longas e dolorosas, das guerras imperialistas e dos armistícios imperialistas.

Explicar às massas a inevitabilidade e a necessidade da cisão com o oportunismo, educá-las para uma luta revolucionária implacável contra ele, ter em conta a experiência da guerra para revelar todas as infâmias da política operária nacional-liberal, e não para as ocultar - tal é a única linha marxista no movimento operário do mundo.

No artigo seguinte tentaremos resumir as principais particularidades distintivas desta linha em oposição ao kautskismo.